

mar que fosse a única intenção que me guiava, pois estas decisões são complexas. Há que levar em conta o que se usa chamar de emolumentos: muito tempo livre para meus trabalhos pessoais, o luminar, um bom salário, o fonóforo com a faixa de prata, o nimbo do poderoso.

De imediato pude notar que não bastava o olhar do historiador. Quando se deixam de lado as preocupações históricas, ganha-se em liberdade, mas também os poderes aos quais se serviu modificam-se de maneira incalculável. Algumas das noites em que estive de serviço no pugilo pareciam carregadas de um halo funesto. Falavam de coisas pelas quais Vigo não se interessaria, nas quais se teria negado a entrar, tal como eu o vinha tentando há muito tempo. Quando os senhores calam, parece flutuar no espaço uma atmosfera mais pesada que quando desfilam palavras apenas insinuadas, que evidentemente só pronunciam com horror, mesmo quando se acham em família. Então o Domo me faz um sinal com a mão. Tenho que reforçar o clima e reduzir a ressonância.

É claro que tudo isto tem algo a ver com a floresta. Ali deve haver troféus e perigos que lembram mais a expedição dos argonautas que as brilhantes épocas da caçada histórica e mesmo pré-histórica.

Quando entrei a serviço do Condor, a reação de meu pai foi a de um autêntico liberal: de um lado era-lhe penoso que eu me rebaixasse à condição de *barman*, e de outro, sentia que isso aumentava sua segurança política. Para Cadmo, este é o nome de meu irmão, sou simplesmente um criado dos príncipes. O velho é um charlatão de frases feitas, o jovem, um permanente anarquista, mas só enquanto as coisas não ficam muito negras. Os graus de liberdade nos

quais se pode fazer ou deixar de fazer tudo se encontram em muito poucas ocasiões.

Fico morando com eles, quando desço à cidade. As conversas durante as refeições são desagradáveis. Sabem somente tocar em temas políticos e sociais. Prefiro sair para o jardim de Vigo. Tenho também um pequeno apartamento na cidade, a água-furtada de uma velha casa junto ao mar, que foi antes bastião da muralha. Daqui posso deitar o anzol, mas os peixes, que lá embaixo movem preguiçosamente as barbatanas, se alimentam dos dejetos dos esgotos de Subura e têm sabor pouco agradável. De vez em quando, uma gaivota vem pousar no parapeito da janela. Embaixo, um negociante de vinhos tem sua tasca, onde se pode tomar uma refeição ligeira.

Uma água-furtada despojada; os muros e as paredes estão rachados, com incrustações de salitre. Me refugio nela para meditar e contemplar o mar, até as ilhas mais distantes, especialmente ao pôr-do-sol. Uma mesa, um sofá, um colchão sobre o chão nu. Uma bacia sobre o suporte, com um jarro de água embaixo. Há também um urinol que esvazio pela janela, pois desagrada-me subir e descer escadas, sobretudo quando bebo. Nem livros nem quadros nas paredes, somente um espelho acima da bacia, como concessão a Ingrid, que trago aqui quando terminamos nosso trabalho na biblioteca ou após a visita a Vigo, fora da muralha. Ela fica só por uma curta hora; é uma espécie de tributo, um sinal de agradecimento ao professor.

Por conseguinte, sou visto em casa quase que exclusivamente durante as refeições e nem sempre. Até as conversas sobre nossa especialidade carecem de motivação, pois partem de pontos de vista muito